

O APRENDIZADO DE LÍNGUA ESTRANGEIRA POR ADULTOS: REFLEXÕES NECESSÁRIAS

The Learning Of A Foreign Language By Adults: Necessary Reflections

CONFORTIN, H.

Recebimento: 13/01/2014 - Aceite: 24/01/2014

RESUMO: Este texto tem como objetivo analisar o processo de aquisição de LE (Língua Estrangeira), por adultos. Com base em referências teóricas de estudiosos do tema, busca-se fazer algumas reflexões sobre o comportamento e desempenho do adulto na aquisição de uma língua estrangeira. Parte-se de algumas interrogações: Que motivações levam um adulto a aprender uma LE? Quais medos e ansiedades acompanham este aprendiz? O fator idade interfere no aprendizado da LE? Qual o papel do professor de línguas para adultos e que estratégias pode utilizar para tornar o ensino-aprendizagem mais eficiente? As respostas dadas às questões constituem o corpo do texto que busca, também, apresentar sugestões de metodologias e atividades motivadoras para o ensino de LE para adultos.

Palavras-chave: Aquisição de LE por adultos. Adulto e língua estrangeira. Andragogia e Língua Estrangeira.

ABSTRACT: This text aims to analyze the process of acquiring FL (Foreign Language) by adults. Based on theoretical references of this field researchers, we seek to make some reflections on the behavior and the performance of adults in acquiring a foreign language. The starting point is a few questions: What motivations take an adult to learn a FL? Which are the fears and anxieties of this apprentice? The age factor interferes with the learning of FL? What is the role of the language teacher for adults and what strategies can be used to make teaching and learning more efficient? The answers to the questions constitute the text that also seeks to present suggestions of methodologies and motivating activities for teaching FL to adults.

Keywords: Acquisition FL (Foreign Language) by adults. Adults and second language. Andragogy and Foreign Language.

se à “Pedagogia” – aprendizagem da criança. De acordo com Martins (2013, p. 145),

Introdução

Atualmente a aquisição de uma LE é, não só uma opção propiciada a estudantes através dos currículos das escolas regulares ou escolas especiais de línguas, mas uma necessidade decorrente de questões de ordem econômica, política e social que exigem novas formas de comunicação num mundo globalizado. Inseridos nesta nova realidade, adultos que não tiveram oportunidade de aprender alguma língua de comunicação universal na sua formação escolar, buscam, por opção ou por necessidade, o domínio de uma LE para inserir-se no novo contexto de um mundo plano e globalizado. Portanto, necessidades profissionais ou motivações internas, levam adultos à aprendizagem de uma nova língua.

Este texto, de cunho essencialmente teórico, busca fazer algumas reflexões sobre o comportamento e desempenho do adulto na aquisição de uma língua estrangeira, sobre como é caracterizada a aprendizagem da LE por adultos e quais desafios devem ser vencidos no decorrer do percurso desta aprendizagem.

Andragogia x Pedagogia

As teorias sobre o processo de aquisição da língua materna e, especialmente, de uma língua estrangeira, têm sido bastante variadas. Iniciados na década de 1950, os estudos tiveram como meta analisar, não só as motivações e os desafios encontrados no decorrer desta aprendizagem, como os fatores que contribuem para um processo eficiente de aquisição-aprendizagem de uma língua estrangeira na fase da vida adulta.

Ao fenômeno “adulto aprendente”, alguns autores denominam “Andragogia”, opondo-

O tema Andragogia não tem sido muito explorado ou estudado no país, assim como temas relacionados à educação de jovens e adultos, mas apresenta princípios que atraem aqueles educadores que buscam alternativas de ensino diferentes. De acordo com definição creditada, na década de 1970, a Malcolm Knowles, Andragogia é a arte ou ciência de orientar adultos a aprender. De origem grega, a palavra “andragogia” tem como significado: andros - adulto e gogos - educar. Em contraposição à Pedagogia (do grego paidós, criança), que se refere à educação de crianças, a Andragogia é a arte de ensinar adultos, sendo um modelo de educação que busca compreender o adulto dentro da escola, rompendo com aqueles padrões apresentados pela Pedagogia. A Andragogia corresponde à ciência que estuda as melhores práticas para orientar adultos a aprender.

Para este texto, que tem como objetivo analisar o processo de aquisição de LE, por adultos, leva-se em conta, sobretudo, a última afirmação da autora citada: “Andragogia - “Ciência que estuda as melhores práticas para orientar adultos a aprender”.

O modelo andragógico, formulado por Knowles, baseia-se nos seguintes princípios assim sintetizados (MARTINS, 2013):

- a. Necessidade de saber: os adultos querem saber por que precisam aprender algo e identificar qual o ganho que terão nesse processo de aprendizagem; devem ter clara a necessidade da aprender para aumentar o próprio conhecimento.
- b. Autoconceito do aprendiz: adultos vivem uma dimensão autônoma, por isso são responsáveis por suas decisões e por sua vida; portanto, querem ser vistos e tratados pelos outros como capazes de se autodirigir.

- c. Papel das experiências anteriores: para o adulto suas experiências são a base de seu aprendizado. Novos conhecimentos devem complementar aprendizagens já adquiridas, por isso são mais eficazes técnicas de aprendizagem que aproveitam essa amplitude de diferenças individuais.
- d. Prontidão para aprender: o adulto sabe o que quer aprender e dispõe-se a aprender quando a ocasião exige algum tipo de aprendizagem relacionado a situações reais de seu cotidiano.
- e. Orientação para aprendizagem: o adulto aprende melhor quando os conceitos apresentados estão contextualizados para alguma aplicação imediata em seu trabalho ou realidade cotidiana e quando aquilo que aprende pode ajudá-lo a resolver problemas, isto é, tiver utilidade prática e imediata.
- f. Motivação: adultos são mais motivados a aprender por valores intrínsecos, pessoais, tais como autoestima, qualidade de vida, satisfação pessoal, desenvolvimento.

Na Andragogia, a aprendizagem é focada mais naquilo que é necessário à vivência do aluno na sociedade, com propostas de atividades que envolvem ações do cotidiano que irão ajudá-lo a enfrentar problemas reais. Dessa forma, o aluno é um agente de sua aprendizagem, interagindo e se apropriando de saberes que contribuem para sua autonomia.

Com base neste modelo, sempre que se considera o ensino de línguas para adultos, todos os princípios citados devem ser levados em conta para que a proposta permita assegurar um clima favorável de aprendizagem; deve-se levar em conta possibilidades de criar espaços para discussões com os alunos de forma a considerar suas necessidades; levar em conta que a experiência é a fonte mais rica para a aprendizagem de adultos que são motivados a aprender conforme vivenciam necessidades e interesses.

No modelo andragógico de aprendizagem, a idade é o principal fator de diferença. Por isso, fazem-se algumas considerações sobre tal item.

O fator idade na aquisição de Língua Estrangeira

Interrogada sobre “Qual você acredita seja a melhor idade para que uma pessoa comece a aprender uma língua estrangeira?” a linguista Spada (2004, p.4-5), responde:

Praticamente qualquer um diria “quanto mais novo, melhor”, quando se trata de aprender uma língua estrangeira através da educação formal, em escolas. Contudo, tanto a experiência como a pesquisa têm mostrado que estudantes mais velhos podem obter um nível de proficiência alto, se não nativo, em uma língua estrangeira. Então a resposta para a pergunta “qual é a melhor idade para que as pessoas comecem a aprender uma língua estrangeira” depende de diversos fatores, sendo os dois mais importantes: 1) os objetivos e as expectativas do programa instrucional e, 2) o contexto em que o ensino acontece. Se o objetivo de aprender/ensinar uma língua estrangeira é obter o mais alto nível de habilidade na segunda língua, ou seja, o nível em que um falante de segunda língua se torne igual ao falante nativo, há sustentação para o argumento de “quanto mais cedo, melhor”. Esse apoio, encontrado na literatura sobre a hipótese do período crítico, é baseado no princípio de que fatores biológicos e maturacionais limitam a capacidade de aprendizagem de línguas depois de uma determinada idade.

O fator idade sempre foi considerado um item polêmico quando se fala em aprendizagem de uma nova língua. Pizzolato (1995) acredita que os aprendizes de LE, adultos,

apresentam limitações na aprendizagem de termos gramaticais, lexicais, tanto na escrita quanto na oralidade. Segundo ele, existe um período de tempo, relativo à idade, no qual algumas circunstâncias são mais favoráveis ao desenvolvimento de um determinado tipo de comportamento, e cuja eficiência se reduz com o passar dos anos. A idade adulta, segundo o autor, reduziria competências básicas favoráveis ao desenvolvimento de um determinado tipo de comportamento.

Oliveira (2008, p. 147-148), resume algumas teorias:

Para Meisel (1993), a aquisição de LE, depois da adolescência, não é mais função da gramática universal, mas é um processo cognitivo, de aprendizagem de habilidades. É que daí se explicam as fossilizações e julgamentos limitados à gramaticalidade. Outra hipótese atestando a dificuldade de adultos em aprender uma LE partiu de Selinker (1972). Nessa hipótese, conhecida como fossilização, o aprendiz de LE tende a buscar parâmetros sintáticos, semânticos e fonológicos entre a língua-alvo e a língua materna. Com isso, impropriedades e erros podem ser internalizados e tornam-se permanentes na produção dos aprendizes de LE, mesmo no caso de alunos que se encontram em níveis mais avançados de aprendizagem. Seliger (1978) acrescenta que a perda da plasticidade do cérebro implica uma aprendizagem mais enciclopédica após a puberdade. Lenneberg (1967), busca bases biológicas em favor do “período crítico” para a aquisição da linguagem e afirma que, depois da puberdade, a capacidade de auto-organização e ajuste às demandas psicológicas do comportamento verbal declinam rapidamente. O cérebro comporta-se como se tivesse se fixado daquela maneira e as habilidades primárias e básicas não adquiridas até então, geralmente permanecem deficientes até o fim da vida.

Como se observa, as teorias sobre qual a melhor idade para aprender uma língua

estrangeira são muito controversas, não há um consenso. Na realidade, o que se tem é que a maioria dos estudantes adultos de LE está principalmente interessada em obter uma habilidade básica de comunicação na língua alvo, porque a sua língua materna continuará sendo a sua língua principal.

Isto nos remete a fazer algumas reflexões sobre o comportamento e desempenho do adulto na aquisição de uma LE. Na idade adulta geralmente aprender uma nova língua já não é uma obrigação exigida pela escola ou família, mas uma opção buscada por motivação interna, com aumento de consciência sobre a aprendizagem e com interferência de fatores de afetividade ou de personalidade que podem contribuir para maior ou menor sucesso na aprendizagem. Considerando estas reflexões, interroga-se: que motivações levam um adulto a aprender uma LE? Que medos e ansiedades acompanham este novo aprendiz? Qual o papel do professor no ensino de LE para adultos? Que estratégias este professor pode utilizar para tornar o ensino-aprendizagem mais eficiente? Quais metodologias e técnicas são mais eficientes no ensino de LE para adultos? Os itens a seguir buscam responder às interrogações feitas.

Motivações para o adulto aprender uma segunda língua

Quando um estudante adulto busca um curso de LE, nem sempre está disposto a deixar-se orientar, no ensino. Para optar por um curso/atividade quer, inicialmente, ser convencido da decisão tomada, quer que esteja claro o percurso que vai iniciar, quer ter a possibilidade de questionar/avaliar continuamente o caminho percorrido, quer ser autônomo na aprendizagem.

De acordo com Serragiotto e Luise (2004, p, 21), “[...] o adulto não está disposto a

colocar em discussão a própria situação de adulto e os próprios conhecimentos, por isso o ensinamento será eficaz só se o próprio estudante decidir querer mudar a sua realidade cognoscitiva e social”.

Para tornar eficiente o ensino de LE, deve-se identificar sempre qual motivação levou o adulto a buscar a nova aprendizagem. Para Oliveira (2008), além de um fator intrínseco, a motivação possui uma grande importância na aprendizagem da língua. Toda a aprendizagem é decorrente de três tipos de motivação: a extrínseca, que visa integrar o aprendiz na cultura do falante nativo do idioma que busca dominar; a intrínseca, que se apoia nos aspectos particulares, pessoais de cada indivíduo; a motivação instrumental, decorrente e garantida pela razão funcional de um exercício ou de uma carreira profissional. O autor destaca que se não houver necessidade, não haverá motivação e que o sujeito desmotivado não terá satisfação na busca de qualquer aprendizagem.

Quanto ao processo de aquisição de LE, a motivação pode ser considerada como a principal diferença entre pedagogia e andragogia. As crianças, por suas características psicológicas, como aprendizes de LE, são espontâneas, motivadas pela curiosidade, sem compromisso com os resultados (não há nenhuma preocupação com os resultados acadêmicos). Por estas características, a aprendizagem, para elas, não tem como objetivo resultados imediatos e conscientes, mas é concebida como um jogo ou qualquer atividade e, em consequência, transforma-se em algo prazeroso que a criança quer repetir porque gosta; nesta repetição está a verdadeira, a real aprendizagem. A aquisição de língua estrangeira acaba sendo mais uma das atividades normais do cérebro infantil, que por sua grande plasticidade, acomoda-se às exigências que lhe são feitas. A pedagogia de ensino de LE lembra que aprender é tão simples e corriqueiro, para as crianças, quanto é

aprender a língua materna: tanto os processos quanto as dificuldades são as mesmas e os resultados poderão ser altamente eficazes se o professor tiver consciência de que o ensino de LE, para crianças, deve ser igual à alfabetização em língua materna.

Pesquisas atuais, divulgadas em revistas especializadas e na mídia televisiva e impressa, apresentam exemplos comprovando que a aquisição de diferentes idiomas de modo concomitante, antes dos 7-8 anos, além de muito fácil, pode auxiliar no amadurecimento linguístico, psicológico, cognitivo e social infantil. Ao aprender com pessoas que falam perfeitamente um idioma, as crianças o dominam como se fossem nativas (BRANDÃO, 2004). Pelas características dos alunos, o método mais eficaz será o que envolver atividades lúdicas, buscar explorar o relacionamento com os colegas, a afetividade. Para crianças, os métodos devem explorar a competência/performance linguística oral e escrita, com maior destaque aos aspectos comunicativos da linguagem.

Os adultos partem de uma motivação comprometida. Atribuem à língua um forte valor instrumental: buscam a aprendizagem de uma língua estrangeira por necessidade ou obrigação, para uso pessoal; tem tempo limitado para aprender, precisam de resultados imediatos, tem objetivos prefixados (viagens, negócios, turismo, estudo, exames de pós-graduação, bolsas de estudo...). Os adultos quando estudam uma LE, fazem-no por necessidade de aprender a língua de uma sociedade da qual não fazem parte. A exigência da língua nasce do cotidiano: necessitam compreender e fazer-se compreender no mundo do trabalho, nos negócios, no exercício da profissão em caso de Curso de Formação para professores de língua estrangeira. Precisam conhecer a língua na sua forma coloquial e nos registros formais (exigências legais para negócios – contratos comerciais, comunicações, avisos, extratos

bancários, correspondências pessoais e comerciais dentre outras).

Quanto à afetividade, Oliveira (2008) citando Krashen (1982), considera-a como fator preponderante no aprendizado de uma LE para adultos. Segundo ele, o filtro afetivo é um bloqueio mental que impede o aprendiz de utilizar totalmente o insumo compreensível recebido para a aquisição da língua. A autoestima é fator interno preponderante no aprendizado de línguas e inclui fatores como inibição, extroversão, empatia, ansiedade, atitudes, egocentrismo. “Todas essas afetividades podem contribuir para o sucesso ou fracasso do aprendiz no contexto de aprendizagem, uma vez que o aluno, quando aprende uma língua, acaba por instaurar dentro de si alguns desses domínios afetivos”. (OLIVEIRA, 2008, p.149).

Como já referido no item anterior, por suas características biopsicológicas, os adultos têm um processo de aprendizagem linguística menos imediato; possuem estruturas metacognitivas já adquiridas. Como as conexões neurais do cérebro adulto (depois dos 13-15 anos) já estão consolidadas (fossilização gramatical e fonética) a aprendizagem de LE é uma tarefa bastante difícil: o aluno já não distingue perfeitamente os feixes fonéticos da língua objeto de estudo, por isso tem dificuldades de pronunciar corretamente todas as variantes fonéticas; tem maior capacidade de estruturar, de modo racional e intencional, o conhecimento e contextualizar a aprendizagem; realiza reflexões aprofundadas e críticas sobre as regras da língua. Contudo, realiza uma operação muito complexa pois, na sua produção, organiza inicialmente sua mensagem na língua materna e faz uma tradução literal para a LE. Esta operação, além de complexa, impede a prática efetiva da língua alvo.

Conforme citado, o adulto, no processo de aprendizagem, coloca em jogo filtros

afetivos muito sensíveis e de gestão delicada. Em consequência, os cursos de língua estrangeira para adultos, orientam-se mais para métodos instrumentais (leitura/escrita), com atividades nas quais não necessitam expor-se perante aos outros; métodos comunicativo-afetivos, funcionais, favorecendo a narração e a biografia, com estreita relação com o concreto e que permitam reflexões sobre a língua, serão mais eficientes no ensino de LE para adulto. Mas, somente uma imersão na língua e cultura objeto de aprendizagem, permitirá um efetivo domínio da língua objeto de estudo.

Na aprendizagem de uma segunda língua, o estudante, especialmente o adulto, necessita conhecer os diversos códigos de uma determinada cultura - o linguístico, o comportamental, o social e o sociocultural, para poder conhecer as diversas regras de vida. Por isso, ensinar língua é, sobretudo, guiar o estudante a melhor compreender a vida da comunidade linguística. Um professor de línguas deverá, principalmente nos níveis básicos de ensino, fornecer o *input* linguístico inicial, apresentando situações em que os estudantes possam entrar em contato, através da língua, com a cultura do país que a fala. Os alunos não adquirem somente o instrumento linguístico, mas, sobretudo, devem atingir uma meta da educação linguística: a aculturação que, no caso de estudantes adultos, não se desenvolve somente como um interesse para o diverso, mas dá diretrizes sobre quais são os modelos essenciais da cultura a ser aprendida.

O papel do professor no ensino de LE para adultos – algumas reflexões e sugestões

Para Spada (2004), uma formação em linguística é muito importante para os professores de LE se essa formação for suficientemente abrangente, abordando aspectos formais,

funcionais, pragmáticos e sociolinguísticos da linguagem. O professor com formação em Linguística não apenas compreende o funcionamento da linguagem, como, também, entende como o aluno se esforça para aprender. Assim, será capaz de compreender os erros e outras características do desenvolvimento do aprendiz de LE. Para a autora, “[...] os professores de língua estrangeira deveriam não apenas possuir conhecimento e domínio avançados da língua, mas também a habilidade de fazer esse conhecimento acessível e compreensível para o aluno” (2004, p.03).

No ensino da LE para adultos, o docente pode assumir papéis diversos em relação à formação dos alunos. De acordo com Seragioto e Luise (2004), pode ser facilitador, organizador, animador, consultor linguístico, experimentador e artista.

Como facilitador, o docente deve fazer com que o aluno sinta que lhe estão sendo oferecidas as melhores condições de aprender a língua. Não basta atender às necessidades linguísticas do estudante, mas considerar, também, os aspectos cognitivos da aprendizagem, a personalidade e interesses do aluno e descobrir qual metodologia e técnicas melhor responderão às exigências do aluno. O docente deverá criar ambiente que permita a colaboração entre docente-alunos e entre os próprios alunos, de modo a favorecer o processo de aquisição linguística e cultural.

Como organizador e animador, o docente deve organizar a classe e liderar as várias atividades didáticas de forma eficaz, levando em conta os percursos individuais de aprendizagem, as diferenças entre os alunos e incentivá-los a colaborar de acordo com as características próprias. Deve buscar animar as diversas atividades, estimulando, encorajando, discutindo de modo ativo durante as atividades de interação didática.

Como consultor linguístico, o professor, sempre que solicitado, deve colocar sua

própria competência a serviço dos estudantes. É importante que o professor deixe os alunos decidirem quando e como querem ser ajudados no processo de aquisição linguística, respeitando seu tempo e permitindo que, primeiro, busquem respostas para sua aprendizagem linguística, sozinhos ou em grupo. Só após, o professor deverá colaborar ou orientar.

Como experimentador ou artista, o professor deverá estar sempre pronto a experimentar novas metodologias e técnicas, buscar novas fórmulas para melhorar os resultados pretendidos. Dessa forma se tornará um artista que coloca em prática as próprias competências e habilidades, que utiliza a própria fantasia para criar novos materiais, cada vez mais interessantes e adaptados à realidade do aluno.

Em relação a estudantes adultos, o papel do professor torna-se fundamental uma vez que o estudante adulto tem fortes motivações pessoais para aprender, necessita aprender; portanto, entender suas necessidades e fazê-lo participar do percurso formativo torna-se essencial para o êxito, a nível motivacional e para que chegue, efetivamente, a uma boa aquisição. Cria-se um compromisso ou pacto formativo entre professor e estudantes; nele devem estar explicitadas as várias modalidades do percurso, a definição dos materiais mais apropriados e dos instrumentos de avaliação. Com base neste pacto, o docente e os alunos se empenham, juntos, em atingir os objetivos traçados.

Destaca-se a importância do fator “interação” em sala de aula. Para Almeida Filho (1999), é imprescindível que o filtro afetivo do professor esteja positivamente configurado para o ambiente; isto inclui a capacidade de o docente canalizar suas emoções e ansiedades de forma a projetar, nos alunos, atitudes positivas em relação à língua alvo. Na opinião de Pizzolato (1995), sob o ponto de vista psicossociológico, a postura do

professor é importante no processo ensino-aprendizagem.

O pensamento tem que passar primeiro pelos significados e depois pelas palavras [...] é gerado pela motivação, isto é, pelos nossos desejos e necessidades, nossos interesses e emoções. Para compreender a fala de outrem não basta apenas entender as suas palavras – temos que compreender o seu pensamento. A maneira como o aluno percebe sua própria aprendizagem, seus comentários, tudo se volta ao foco de seus reais interesses. A afetividade é, então, aspecto psicossociológico que precisa ser considerado, pois nela o aluno revela seus sentimentos e se manifesta. Nesse momento ocorre a oportunidade ímpar, para que o potencial comunicativo do aluno seja explorado (PIZZOLATO, 1995, p. 129).

Metodologias e técnicas para ensino de LE para adultos

Spada (2004, p.02), diz que

Com base em pesquisas em aquisição de segunda língua, Krashen propôs que, por a aprendizagem em L2 ser similar à aprendizagem em L1, deveriam ser feitos esforços para criar ambientes em salas de aula de L2 que se aproximassem das condições da aquisição de L1. Ele supôs que, se aprendizes de L2 fossem expostos a um “input compreensível” e se recebessem oportunidades de se concentrarem mais em significados e mensagens do que em formas gramaticais e acuidade, eles seriam capazes de adquirir sua segunda língua de forma parecida com que os aprendizes de L1 aprendem sua língua materna.

A autora refere, também, à Linguística Moderna, considerando sua grande contribuição para o ensino da língua estrangeira. Cita a teoria de Dell Hymes, a qual postura

que “saber uma língua inclui muito mais do que saber as regras de sua gramática, isto é, a competência linguística”. Para a linguista, o mais importante não são as regras de uso linguístico e sim a competência comunicativa, a capacidade de comunicação. Esta visão levou à reflexão sobre currículos comunicativos, materiais e métodos no ensino de língua estrangeira, sobretudo para adultos.

Para desenvolver estas competências, a primeira preocupação de um professor, frente a uma nova turma, é estabelecer contato humano com os estudantes, independentemente de suas características. Perceberá que as motivações dos estudantes são variadas, que o crescimento individual será diverso, que a aprendizagem linguística será diversa, que a personalidade de cada um favorecerá mais ou menos as relações entre turma-professor e entre os alunos.

Já para Luise (2004), numa classe de adultos devem-se levar em conta duas particularidades: a) Os adultos são portadores de uma experiência já vivida e de uma relação de intercâmbio dialético com a sociedade, tem maior conhecimento das suas emoções, das suas relações interpessoais e vivenciam estas experiências de modo ativo. b) O estudante adulto, através do código linguístico que domina, conhecerá modelos culturais necessários para socializar-se em outro país, pois conforme se aculturar conhecerá as várias soluções da outra cultura para agregar ao conceito de relativismo cultural segundo o qual qualquer modelo cultural é a resposta de uma cultura a um problema de natureza e é digno de respeito. O professor terá a função de estimular o estudante e de fazer com que todos se sintam acolhidos, aceitos em sua totalidade e complexidade, de modo que possam, sem problemas, expressar sentimentos e emoções com liberdade, sem medo de serem julgados pelos outros.

Com base nos trabalhos desenvolvidos por Luise (2004) e por Serragiotto e Luise

(2004), citados nas referências, faz-se, a seguir, uma síntese de proposta de metodologias e estratégias para o ensino de LE para adultos. Os trabalhos dos autores citados baseiam-se no ensino de Língua Italiana, como segunda língua, para estrangeiros.¹ Para integrar os alunos adultos, o professor deverá desenvolver estratégias específicas para a socialização. Uma delas é a dinâmica de grupo, na qual poderão ser criadas situações através de simulações, depoimentos/testemunhos que valorizem a experiência trazida pelos alunos, encontros que coloquem em evidência a visão de mundo de cada um e seu sistema de valores. Discutir em aula, tornar-se-á importante e será um modo de encontrar argumentos que possam satisfazer a todos. Dialogar significa ter o conhecimento e a compreensão de elementos não só linguísticos, mas, também, socioculturais de um país estrangeiro.

A fim de evitar que, numa técnica de diálogo, alguns participem demais e tendam a inibir outros, o professor deverá ser moderador, dando a palavra a todos, sabendo quando interferir e quando deixar a discussão fluir livre. Para garantir sucesso na dinâmica de grupo, o docente deverá levar em conta alguns elementos: o grupo deve ser coeso para que todos tenham vez e voz; o clima, na classe, deve ser de relações positivas entre os alunos; deve haver forte interação entre os estudantes e o professor e entre os estudantes; deverão ser fixadas normas para o bom funcionamento da atividade e que permitirão a boa participação de todos. Em toda a execução da atividade, os estudantes serão os atores e o professor exercerá papel de líder e gestor que deverá mediar e manter clima amigável entre o grupo.

Há outras técnicas de ensino de LE para adultos que não funcionam com alguns grupos, por exemplo, os jogos didáticos. Há alunos que não aceitam ou não gostam da

tarefa de participar de jogos com medo de parecerem ridículos. Não se pode esquecer que o adulto tem forte consciência de si, busca autopreservar-se e teme ser avaliado negativamente pelos colegas; em muitos casos fica em silêncio e até pode desistir do curso. A habilidade didática do professor favorecerá o progresso de aquisição da nova língua, criando clima de amizade que possa colocar a língua em estudo em situações comunicativas, onde o erro é consequência da aprendizagem e é utilizado como forma de crescimento e de permanente avaliação do progresso.

A utilização de técnicas didáticas para grupos de estudantes adultos depende do grupo, por isso não se pode dizer qual é mais adaptada. Tudo depende do grupo, da relação que o professor instaura com os estudantes e de como administra, a nível psicológico, a fase mais crítica como a correção de erros, as verificações e a avaliação. É sempre preferível utilizar técnicas que ponham o aluno frente a suas competências, antes de desenvolver as que o façam interagir entre colegas e o ponha em confronto direto com o professor.

Como já referido, as técnicas lúdicas não são as preferidas ou mais adequadas para adultos, pois, como citado acima, se o aluno não entender seu valor, evidenciando objetivos e métodos, podem parecer inúteis, serem vistas como uma perda de tempo e os estudantes têm medo de resultados em que pareçam ser ridicularizados perante a classe. Contudo, se o clima da classe permitir, alunos adultos poderão amar técnicas com jogos e colocar-se na condição mais ridícula. Podem-se organizar, também, atividades baseadas em trabalhos de duplas: neste caso, o aprendiz não se sente avaliado pela classe inteira e pode criar um clima de melhor relacionamento com uma pessoa que está em igualdade com ele, realizando atividades lúdicas sem problemas.

Outro aspecto interessante em relação às técnicas de ensino-aprendizagem para adultos, é a utilização de audiovisuais que podem ser vistos como um instrumento muito útil para a aquisição de uma língua e cultura estrangeiras. Uma das principais razões é que o mundo da imagem é, hoje, parte da nossa vida cotidiana: somos constantemente bombardeados por imagens variadas e estamos habituados a ler mensagens integradas que proveem de uma pluralidade de códigos (imagem, sons, palavra). Por isso, o uso de imagens integradas ao sonoro tem impacto dominante na aquisição da língua. Além disso, os audiovisuais apresentam a língua num contexto facilmente reconhecível, oferecem claras situações de comunicação, funções e objetivos específicos; as listas de interlocutores são facilmente reconhecíveis e facilmente utilizadas no processo comunicativo.

Podem-se citar vantagens e desvantagens na utilização de audiovisuais no ensino de LE para adultos. Vantagens didáticas para os alunos: alta motivação; a língua está em um contexto bem específico e facilmente reconhecível; são apresentados e analisados diversos modelos de língua; podem-se analisar várias competências extralinguísticas; há flexibilidade didática; os alunos são continuamente atualizados; favorecem a autoaprendizagem. Como desvantagens: os recursos audiovisuais tornam-se rapidamente obsoletos; há falta de material didático sempre atualizado; o trabalho de didatização de materiais autênticos é demorado; há o risco de uma exploração passiva por parte dos alunos, em relação aos materiais. De acordo com interesses dos estudantes e de seu nível linguístico, há uma grande gama de possibilidades de utilizar vídeos: filmes, tele/videoconferências, publicidade, documentários, quadrinhos animados, comentários esportivos, dentre outros.

Frente a audiovisuais, o professor de LE para adultos, pode analisar as características

particulares da fala audiovisual que fujam da língua padrão: pode ser uma fala espontânea, fala mais formal, fala coloquial, regional; pode analisar os fenômenos típicos da língua utilizados pela TV: redução de pronomes pessoais e relativos, elementos fonéticos, conjunções, frases curtas ou longas... A fala, ou componentes sonoros dos personagens permitem identificar aspectos paralinguísticos e sociolinguísticos, elementos prosódicos, ritmo, entonação, velocidade da enunciação, sons de fundo, dentre outros. Já a imagem permite que o aluno aprenda aspectos culturais e extralinguísticos como a polissemia, a cinesia, a gestualidade, a vestimenta e outros elementos socioculturais. Ex. Numa publicidade é possível explorar a linguagem televisiva, o som, a redundância, o estilo (geralmente conciso) que objetiva vender um produto. Num filme pode-se analisar o aspecto literário, o código utilizado, as imagens, a relação espaço-temporal, a confrontação vídeo-texto (no caso de a obra ser adaptada de livro), os costumes de época, os sotaques, etc.

Em todo este processo, o docente será um facilitador, um organizador e animador, um consultor linguístico e um experimentador. Deverá selecionar o material com base em modelos linguísticos e culturais adaptados aos destinatários, saber utilizar estratégias específicas e saber construir as fases do trabalho.

Um aspecto que merece ser referido, ainda, é sobre os “erros” cometidos pelos alunos no transcurso do aprendizado de LE. Spada (2004, p.04), referindo Corder (1967) diz que “quando os alunos produzem frases corretas, eles podem estar repetindo algo que já tenham ouvido; quando produzem frases que diferem da língua-alvo, pode-se dizer que essas frases refletem o verdadeiro conhecimento do aluno sobre as regras e padrões daquela língua.” Para a autora, os erros dos alunos são uma fonte importante

para o professor de língua estrangeira; eles são uma espécie de janela que mostra o que está acontecendo “dentro da mente do aluno” e podem ajudar os professores de diversas formas. Através dos erros dos alunos, os professores podem diagnosticar que tipos de dificuldades os alunos estão enfrentado, que problemas devem resolver para saná-los e, então, decidir o que fazer, que atividades planejar. Os erros também fornecem uma indicação sobre o progresso do aluno e podem ajudar no processo de avaliação. A ocorrência de um número mais alto de erros do que o esperado, em determinada atividade, pode indicar que aquela atividade está muito difícil ou que os alunos não venceram todas as etapas da aprendizagem. Por outro lado, poucos erros de certo tipo podem indicar ao professor que o processo de aprendizagem está acontecendo. Por isso, um professor de LE pode aprender muito analisando os erros dos alunos. A habilidade de perceber e analisar os erros requer um sólido conhecimento da língua que está sendo ensinada e, também é importante que o professor conheça a língua materna do aluno.

Por fim, pode-se dizer que a escolha de estratégias de ensino e de materiais didáticos dependerá das necessidades dos destinatários, dos objetivos e do nível de dificuldades da sequência de aprendizagem. O docente deverá avaliar a dificuldade de compreensão da sequência utilizando parâmetros: analisar o conteúdo sonoro/visual; o conteúdo sonoro/gráfico, o número de interlocutores, a posição dos falantes, a pronúncia, o tom, o timbre de voz, as pausas, os sons de fundo.

Quanto ao percurso didático de ensino de LE para adultos, depende do nível linguístico, das necessidades, da gestão da turma. Nos primeiros níveis, o professor deverá potencializar, sobretudo, a compreensão oral e a fala, propondo atividades simples, comunicativas e que coloquem em ação as funções básicas do ser humano: saber apresentar-se, dar uma

informação, cumprimentar,... Deverá ser favorecido o trabalho de grupo com utilização de ilustrações que possam ajudar a comunicação. Em relação à compreensão e produção do texto escrito, o professor deverá propor atividades mais significativas que possam servir à vida cotidiana: escrever mensagens breves, deixar recados, fazer uma pequena descrição, ou seja, atividades que auxiliem a resolver problemas diários. Sucessivamente, a nível linguístico médio e avançado, pode apresentar materiais autênticos: jornais de circulação nacional/local, propaganda, filmes, e montar roteiros para possíveis discussões que possam explorar problemas culturais, situações concretas, dentre outras.

Considerações finais

As reflexões feitas, buscando responder às questões propostas no início do texto, mostram que ensinar LE para adultos é uma tarefa que exige preparo do professor em termos de formação linguística, metodológica e didática. O adulto que busca aprender uma língua estrangeira o faz por motivações diversas, envolvendo sempre aspectos da vida prática, portanto, espera resultados imediatos e eficientes. Desta forma, o professor deve descobrir como pode, de maneira mais eficaz, auxiliar este processo e escolher as estratégias de ensino e metodologias melhor adequadas ao aluno (turma de alunos), sem esquecer dos princípios que regulam a aprendizagem dos adultos: necessidade de saber, dimensão autônoma da aprendizagem, experiências de vida, prontidão para aprender, contextualização da aprendizagem e motivação de aprender por valores intrínsecos e pessoais.

O fator idade, mesmo que não seja considerado determinante na aprendizagem de LE, deve ser visto como interferente negativo no processo; as maiores dificuldades voltam-se à compreensão auditiva e à fluência na oralidade e produção de textos, habilidades

fundamentais do processo e que são pouco exploradas e praticadas em sala de aula. Outro aspecto que interfere na aprendizagem de LE, é o fator ausência de contato com nativos, a falta de interação com o falante da língua, a impossibilidade de estar inserido no universo linguístico da nova cultura e, conseqüentemente, num mercado de trabalho onde possa praticar a língua em aquisição.

Conclui-se dizendo que todo o percurso didático-pedagógico de ensino de LE para adultos deve objetivar a exploração de elementos linguísticos, paralinguísticos e extralinguísticos, organizando atividades de previsão, de compreensão e de reutilização das funções linguísticas e das estruturas gramaticais.

NOTAS

¹ Material do Curso “Master Didattica Della Língua Italiana a Stranieri” (Mestrado em Didática da Língua Italiana para Estrangeiro), frequentado pela autora do texto, na Universidade Ca’ Foscari de Veneza, Itália (2003-2005). As sugestões apresentadas são decorrentes de trabalhos desenvolvidos no curso, tendo como base o ensino da língua italiana para brasileiros adultos.

AUTOR

Helena Confortin – Doutora em Linguística – Etnolinguística (USP)- Professora do Departamento de Linguística, Letras e Artes, da URI Erechim(RS). Membro do Grupo de Pesquisa “Linguística e Letras”. E-mail: helenaconfortin@uri.com.br.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA FILHO, J.C.P. (org). **O professor de lingua estrangeira em formação**. São Paulo: Pontes Editores, 1999.
- BRANDÃO, M. L. **As bases biológicas do comportamento**: introdução à Neurociência. São Paulo: EPE, 2004.
- LUISE, M. C. **Didattica dell’italiano como lengua seconda nella scuola**. Venezia, Italia, 2004. Modulo on line per il Master ITALS in didattica e promozione della lingua e della cultura italiana all’estero. (Tradução da autora). Consulta no site: <<http://helios.unive.it/~itals/index.htm>>.
- MARTINS, R. M. K. **Pedagogia e andragogia na construção da educação de jovens e adultos**. Revista Educação Popular, Uberlândia, v. 12, n. 1, p. 143-153, jan./jun. 2013. Disponível em <www.revistas.ufg.br/index.php/poesis/article/download/10843/7202>. Acesso em: 27 jan. 2014.
- OLIVEIRA, H. F. de. **Percepções de adultos sobre aprender língua inglesa**. Poiésis Pedagógica – v. 5/6 – p.147,166 – Jan/dez -2007/2008. Disponível Google. Acesso em: 10 jan. 2014.
- PIZZOLATO, C. E. **A sala de aula de língua estrangeira com adultos de terceira idade**. (Dissertação de Mestrado em Estudos da Linguagem) – Campinas: Unicamp, 1995.
- SERRAGIOTTO, G. e LUISE, M. C.. **Didática per bambini /andragogia**. Venezia, Italia, 2004. Modulo on-lin per il Master ITALS in didattica e promozione della lingua e della cultura italiana all’estero. (Tradução da autora) Disponível no site: <<http://helios.unive.it/~itals/index.htm>>.
- SPADA, N. “Linguística Aplicada ao Ensino de Língua Estrangeira”. **Revista Virtual de Estudos da Linguagem** – ReVEL. Vol. 2, n.2, 2004. Tradução de Gabriel de Ávila Othero. Disponível em: <www.revel.inf.br>. Acesso em: 30 Set 2013.